

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia

Ana Paula Moreira Ferreira

De Neguinha do Bará a Exú: A psicologia entrou para roda

Porto Alegre
2022

Ana Paula Moreira Ferreira

De Neguinha do Bára a Exú: A psicologia entrou na roda

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: José Geraldo Soares Damico

Porto Alegre

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Ferreira, Ana Paula Moreira
De Nequinha do Bará a Exú: A psicologia entrou para
roda / Ana Paula Moreira Ferreira. -- 2022.
34 f.
Orientador: José Geraldo Soares Damico.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Psicologia, Bacharelado em Psicologia, Porto
Alegre, BR-RS, 2022.

1. filosofia afropersctivista. 2. pedagogia das
encruzilhadas. 3. psicologia africana. 4. psicologia.
I. Damico, José Geraldo Soares, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha família por ter me criado com tanto afeto e permitir que eu pudesse sonhar em um dia ser psicóloga. Fátima Elaine Teixeira Moreira (mãe), Paulo Roberto Ferreira (pai), Amanda Moreira Ferreira (mana), Isabel Ferreira (tia), Joãozinho (primo), Andrielly Ferreira (prima) e meus afilhados Jhuan e Gonçalo, Maria Aparecida Alves (sogra), Maíra Alves Prates (cunhada), Joshua Prates (sobrinho), vocês todos são a melhor parte da minha vida.

Agradeço aos meus amigos Ray, Vênus e Natália, com vocês eu sei que estou em casa.

Agradeço a Raisca, amiga que a ancestralidade colocou no meu caminho. Obrigada por me acolher e ser a minha pessoa.

Agradeço a minha companheira, Maíne Alves Prates por ser tudo o que eu precisava nesses últimos três anos! Esse trabalho também foi gestado por ti! Obrigada!

Agradeço ao meu orientador por ter aceitado me guiar durante esse processo.

Agradeço a todos estudantes pretos/as/es que troquei ideias! Vocês tornaram minha trajetória acadêmica um arquipélago e esse trabalho foi fruto do *nós por nós*.

*A todos estudantes arteiros que inventam a vida a partir da palhaçada e da
brincadeira.*

RESUMO

O presente trabalho busca a partir da metodologia da roda investigar os conceitos encontrados ao longo da graduação da autora e refletir como eles auxiliaram a encontrar sentido na psicologia. O trabalho busca responder a pergunta: qual psicologia se produz ao colocarmos em roda os conceitos que eu encontrei ao longo do meu percurso acadêmico? Deste modo, é revisitado teorias como desenvolvimento humano, psicologia social, psicologia afro referenciada, acompanhamento terapêutico e psicologia africana. As discussões são disparadas por escrituras em forma de memória, desenhos, música e escritas. Ao colocar as teorias em roda, nota-se muitos encontros entre elas e que as suas respostas para cada fenômeno podem ser diferentes e necessárias no mesmo contexto. Logo, a roda dos conceitos encontrados ao longo do percurso acadêmico da autora constituiu uma psicologia das encruzilhadas.

Palavras-chave: Filosofia afroperspectivista; Pedagogia das encruzilhadas; Psicologia africana; Psicologia das encruzilhadas;

ABSTRACT

The present work seeks, from the methodology of the circle, to investigate the concepts found throughout the author's graduation and reflect on how they helped to find meaning in psychology. The work seeks to answer the question: what psychology is produced when we put together the concepts that I found throughout my academic career? In this way, theories such as human development, social psychology, Afro-referenced psychology, therapeutic accompaniment and African psychology are revisited. Discussions are triggered by *escrevivências* in the form of memory, drawings, music and writing. When putting theories in a circle, it is noticed many encounters between them and that their answers to each phenomenon may be different and necessary in the same context. Therefore, the circle of concepts found throughout the author's academic career constituted a psychology of *encruzilhadas*.

Keywords: Afroperspectivist Philosophy; African psychology; Pedagogy of Encruzilhadas; Psychology of *encruzilhadas*.

SUMÁRIO

1-Neguinha do Bára abre a roda	10
2- A roda, as encruzilhadas e as escrevivências	11
3- A psicologia entrou na roda	14
3.1 Desenvolvimento humano	15
3.2 Psicologia social	16
3.3 Pistas	17
4- A psicologia afro referenciada entrou na roda	18
4.1 Racismo e sociedade	19
4.2 Racismo como um determinante social em saúde	21
4.3 Os impactos do racismo na saúde mental das pessoas negras	22
5- O Acompanhamento terapêutico entrou na roda	23
6- A psicologia Africana entrou na roda	26
6.1 Sakhu Sheti, contribuições de Wade Nobles	29
7- Exu finaliza a roda	32
8- Referências	34

Em minha própria iniciação ao Ifá em osogbo, Nigéria, em 1987, minha cabeça (ori) foi "aberta" com a fixação de um gorro especial à cabeça raspada, e o "espírito" foi "afixado" na minha ori. Deram-me um alimento especial para comer, palavras para dizer e passos para executar (dançar, caminhar para trás, e assim por diante). Jejuei, banhei-me, ofereci animais aos "habitantes do céu" e, intermitentemente, dormi e tive visões. Num ritual, colocaram axé em minha boca, de modo que minhas palavras fossem poderosas e eficazes (Nobles, p.292, 2013).



Wade Nobles, psicólogo.



Grada Kilomba, psicóloga.

Deixei Lisboa, a cidade onde nasci e cresci, com um imenso alívio. Não havia nada mais urgente em mim do que sair, para poder uma nova linguagem. Um novo vocabulário, onde eu pudesse finalmente encontrar-me. No qual eu pudesse ser eu[...] Esse livro é muito pessoal; escrevi-o para entender quem eu sou. (Kilomba, p.11-13, 2020).

1-Neguinha do Bára abre a roda

Houve um dia em que Exu passou a ir à casa de Oxalá e por lá permaneceu durante dezesseis anos. Exu não perguntava; apenas observava e prestava atenção. Exu aprendeu tudo (Simas, 2019).

Introduzir este trabalho é um desafio enorme. Foram seis anos percorrendo os corredores do Instituto de Psicologia e todos os cantos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Eu não poderia fazer sozinha, portanto recorro a Neguinha do Bará para contar o que faremos nesse trabalho já que é ela quem conseguiu dar sentido a minha vida durante esses 25 anos.

Vamos lá! Meu nome é Neguinha do Bará, minha idade não revelo, só se me der uma moeda (das grandes). Eu tenho melhores amigas, e gosto de fugir da sala de aula para me encontrar com elas e fazer arte (risos). As pessoas dizem que eu vou dar trabalho e eu nem sei o que significa isso. O que eu gosto de fazer é conversar e por algum motivo os adultos me chamam de debochada. Tá! eu sei o porquê! é o meu sorriso de canto de boca, ué, eu tento esconder, mas os adultos são tão engraçados. Não gosto de cantar o hino e o fato de ter que ficar parada me dá comichão - Na minha cabeça vem uma ideia e eu digo: tenho um plano!- sempre acabam me levando pra direção. Mas, eu gosto muito de inventar brincadeiras, minha melhor amiga e eu passamos a tarde criando mundos alternativos nos quais somos adultas e trabalhamos. A folha vira comida, canteiro em frente a janela vira casa e nós montamos nosso mundo.

Bolar planos é o meu rolê. E por isso, vim aqui contar sobre o que é esse trabalho. Esse trabalho é um deboche, eu sei...tenho que cuidar o que eu digo. Então vou dizer em palavras bonitas: se fosse pela Ana ela faria só sobre psicologia africana, mas ela precisou arrumar estratégias, mas no fim deu bom (*spoiler*). Durante a graduação ela conheceu muitas teorias, umas nada haver com a outra e deu nó na cabeça dela. Pra onde ir? se fosse eu, teria quebrado a regra e faria uma psicologia nova. Sei lá, junta um pouco de tudo e depois vê. Mas, ela tava com medo de errar e por isso resolveu revisitar todo o caminho que fez durante a graduação e refletir sobre. Ela fez muita coisa nesses seis anos e se eu ficar aqui falando vamos acabar em 100 páginas. Vou te contar algumas, ela também fugia da sala de aula e pior! Pelo mesmo motivo que eu. Ela ia com as amigas dela fazer outras atividades, eram aulas sobre racismo, filosofia africana, até tinham os encontros do coletivo que ela participava o... Psicopreta. Ela fez confusão também, vocês acreditam que ela também foi parar na

direção? As conversas eram diferentes, na real ela conseguia falar ao contrário de mim que só tinha a cara de debochada. A maior arte que a Ana fez foi dormir na universidade, mas isso ela conta pra vocês depois. Agora a Ana que se vire! já ajudei ela e preciso ir brincar. Lembrem de mim ao longo do trabalho...Eu sou a Neguinha do Bará, aquela que brinca até quando dorme, a que assusta e por isso adora dar sustos, sou a aluna problema e vou te contar um segredo...a maior arte que eu fiz foi entrar na universidade.

Trago como personagem conceitual, a Neguinha do Bará, um apelido meu de infância que hoje faz muito sentido. Sempre fui arteira e com tendência imensa a quebrar regras. Eu também fui silenciada e Bará sempre esteve no meu caminho para me fazer dar gargalhadas. Esse apelido é o retrato do que fizeram do Brasil, minha mãe é pronta na religião, mas está distante desde muito antes de eu nascer. Por isso, cresci distante das religiões de matriz africana. Como muitas pessoas, eu não sabia o que se faziam no terreiro e tampouco entendia a função das oferendas deixadas na praça em frente a escola. Mas, a Neguinha do Bará sempre esteve ali. É doido dizer que encontrei dentro da universidade a possibilidade de entender melhor quem é Bará. Não é mérito do ocidente, mas sim das cotas que possibilitaram tantos estudantes negros entrarem no ensino superior. Os batuqueiros entraram na faculdade e por eles eu sou imensamente grata. Próximo ao que a Neguinha disse, nossa proposta é dançar, entrar na roda dos conceitos que encontrei ao longo da graduação e identificar neles seus movimentos mais preciosos que me auxiliaram a encontrar sentido na psicologia. Nossa pergunta é: qual psicologia se produz ao colocarmos em roda os conceitos que eu encontrei ao longo do meu percurso acadêmico? Compreendo como percurso acadêmico não só as aulas e experiências de pesquisa/ensino/extensão, mas também as vivências no coletivo Psicopreta, seminários, grupos de estudos, todo o trajeto feito fora e dentro da universidade nos últimos seis anos.

2- A roda, as encruzilhadas e as escrevivências

Se o projeto colonial construiu uma igreja para cada população dizimada, nós encantamos o chão dando de comer a ele, louvamos as matas, rios e mares, invocamos nossos antepassados para a lida cotidiana e nos encantamos para dobrar a morte. Em cada esquina da cidade em que se gargalha, se bebe e se versa um samba, haverá de se ajuremar um malandro e se transformar as encruzilhadas em campos de possibilidade. (Simas, p.6, 2019)

Uma das perguntas essenciais para começar a conhecer um trabalho é: qual solo iremos pisar? Do que ele é feito? Essas questões são importantes para definir como iremos

nos vestir, qual calçado usar ao longo deste trabalho de conclusão. Ao discutir as possibilidades de fundamentações teórico metodológicas percebi que não era possível escolher um chão que não aguentasse vários formatos de sapatos já que iremos dialogar com teorias que apresentam leituras de fenômenos diferentes. Deste modo, optei por trazer teorias que tenham visões polirraciais, ou seja, assumem que há múltiplas formas de enxergar um problema e de propor uma intervenção. Destaco a frase da citação acima “nos encantamos para dobrar a morte” as teorias que veremos a seguir buscam dobrar a morte, ou seja, o esquecimento. É como a adinkra ¹Sankofa nos convoca: pode voltar atrás e buscar o que foi perdido. Em nosso caso, nos referimos aos sistemas mundos africanos.

A filosofia afroperspectivista surge como resposta à afirmação de que a filosofia não nasceu na Grécia, podendo ter nascido no continente africano ou até mesmo em diversos lugares ao mesmo tempo. Ela propõe um estudo de um campo que foi deixado de lado pela ciência ocidental. Seu foco são as perspectivas de matriz africana, um conjunto de africanidades (Nogueira, 2011). A psicologia tem um histórico importante com a filosofia, tendo uma cadeira obrigatória no currículo da UFRGS com objetivo “Levar o estudante a uma reflexão sobre os conceitos fundamentais e os métodos da ciência psicológica na busca da edificação de teoria cujos pressupostos estejam sobre uma epistemologia propriamente científica”². Nessa cadeira estudamos desde o nascimento da filosofia até seu encontro com a psicologia e a distinção das duas como disciplinas individuais. Apesar da divisão, quando falamos sobre o exercício de estudar psicologia, de se tornar psicólogo, o que constitui um conhecimento psicológico, estamos em atividade filosófica, em outros termos, estamos filosofando. De acordo com Renato Nogueira (2011), a constituição da filosofia afroperspectivista passa por ter momentos: “traçar o plano de imanência da afroperspectividade, inventar personagens conceituais melanodérmicas, retintas e criar conceitos afroperspectivistas” (Nogueira, p.4, 2011).

Desde o início da minha graduação eu fui convocada a denegrir a psicologia “denegrir é um conceito filosófico afroperspectivista que significa enegrecer, assumir versões e perspectivas que não são hegemônicas, considerar a relevância das matrizes africanas para o pensamento filosófico” (Nogueira, p.15, 2011). Por isso, meu percurso acadêmico é

¹A palavra adinkra significa adeus e são símbolos que transmitem ideias, representam provérbios, preservam e transmitem valores do povo akan, que habitavam as regiões que hoje compreendem os países de Gana e Costa do Marfim. (Dubax&Veneza, p.26, 2016)

² Conteúdo retirado do currículo da disciplina.

negro, afrodiaspórico e africano. Pontuo essas três variações porque é necessário marcar que durante um trajeto se para em pontos, interagimos com eles, nos afetamos e seguimos em frente. Parei em esquinas, becos, quilombos, ocupações urbanas, diversas configurações de sala de aula que me fizeram aprender um pouco sobre a psicologia.

Seria desonesto da minha parte enquanto estudante e pesquisadora negar que eu não tenho preferência por uma teoria. Constantemente recebo essa pergunta: tu já tem uma abordagem que deseja praticar? E sim, os leitores deste trabalho encontrarão maiores afinidades e paradas maiores na psicologia africana. Entretanto, há muitas dúvidas e problemas (questões) que me fizeram optar por operar esse trabalho nas encruzilhadas.

Durante minha trajetória na universidade aprendi que existe muitas formas de narrar uma história. Chimamanda Adiche (2018) em sua palestra para o TED Talks nos alerta para o perigo de uma única história, ela conta sobre sua colega de quarto na faculdade que tinha apenas uma visão sobre o continente africano, a da fome. A pedagogia das encruzilhadas aponta para a potência da macumba como estratégia de resiliência:

O Atlântico é uma gigantesca encruzilhada. Por ela atravessaram sabedorias de outras terras que vieram imantadas nos corpos, suportes de memórias e de experiências múltiplas que, lançadas na via do não retorno, da desterritorialização e do despedaçamento cognitivo e identitário, reconstruíram-se no próprio curso, no transe, reinventando a si e o mundo (Simas&Rufino, p.8, 2019).

Um conceito chave é o de cruzo. É nele que esse trabalho se encontra. Podemos questionar meu trabalho dessa forma: se estamos falando de um percurso que já aconteceu, não saberíamos onde vai dar? Não, porque eu aprendi que não devemos relacionar uma coisa com a outra. Nesse caso “coisa” é cada teoria, portanto A jamais poderia se somar a B. A maioria dos professores tinham um cuidado para não criticar outra teoria em sala de aula, o que a maioria fazia é não mencionar. Eu tinha que escolher uma ênfase ou outra. Portanto é preciso abrir mão de minhas certezas para escrever esse trabalho. Trabalharemos com o inesperado que surgirá ao revisitar meus trajetos e os guiaremos para uma encruzilhada. A perspectiva do cruzo na produção de conhecimento configura-se como uma resposta responsável, orientada pelo reconhecimento de que nos formamos, sempre, a partir da relação e do acabamento que nos é dado pelos outros” (Simas&Rufino, p.30, 2019).

As duas abordagens tensionam a forma como olhamos para o mundo, nos permitindo questionar a origem do significado de ciência e a forma como aprendemos e ensinamos. É fundamental observar como a Europa desde os últimos séculos vem assumindo uma posição hierárquica diante de outros povos, detentora da verdade e do conhecimento. Fato consumado

através da colonização nas Américas e em África. Seguindo essa linha, compreendo que é necessário considerar diversas formas de fazer ciência e de praticar o cuidado em saúde mental. Poderíamos recorrer a outras abordagens decoloniais como a psicologia Kaingang, entretanto o afroperspectivismo e a pedagogia das encruzilhadas permite acessar produções filosóficas africanas e afrodiaspóricas (minha identificação) e ainda dialogar com diversos conceitos que estudei ao longo da graduação.

Agora que temos pistas sobre nosso chão, podemos refletir de que maneira iremos caminhar? A Filosofia Afroperspectivista propõe a roda como metodologia:

Se a linha (abissal) dividia, separando os seres humanos em pessoas colonizadoras e subalternizadas. Na concepção da linha, o conhecimento válido dizia respeito apenas às epistemologias ocidentais, a escola deve servir para reproduzir um modelo de civilização excludente. A roda inclui, alinhando lado a lado os mais diferentes tipos de visões de mundo. A roda é base para uma escola pluralista, uma tática que abandona conceitos como “subalterno”, “minorias” e reconhece que a Europa é tão étnica quanto qualquer povo africano (Nogueira, 2017, p.410).

As teorias entrarão para roda e para iniciar nossas discussões contaremos com escrevivências em forma de memória, desenhos, música e escritas. Conceição Evaristo, postula o termo escrevivências para referir-se ao fato que sua escrita, mesmo ficcional, só é possível existir a partir de tudo o que ela viveu, das histórias que escutou e presenciou. Esse termo, para acadêmicos, se tornou um objeto de estudo e metodologia:

A escrevivência marcadamente carrega, assim, uma dimensão ética ao propiciar que a autora assumo o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativa e voz, a história de um “nós” compartilhado. Além disso, autoras reconhecem que essa metodologia coloca em perspectiva a dicotomia entre sujeito de pesquisa/pesquisadora, ao transformar discursos sobre mulheres negras em narrativas em primeira pessoa (Ferreira, 2013; Victorino, 2015, Mattos e Xavier, 2016 apud Soares&Machado, p.207, 2017).

Aposto que meu trabalho de conclusão de curso parte de “nós compartilhado” tanto com os autores aos quais evoco, mas também falo junto com cada colega e professor/a que troquei ideias nas encruzilhadas da vida. Compartilhar não significa a ausência de tensões, mas nesse caso indica que há diálogos versados com a experiência de quem escreve o trabalho e de quem escreve a teoria. Os desacordos, incômodos, estranhamentos são parte da roda e das produções de sentidos. Ademais, esse trabalho usará do deboche de Nequinha do Bará, das fugas de sala de aula, dos rompimentos de silenciamento, das brincadeiras inventivas, brincarei pela última vez, enquanto graduanda, de roda na encruzilhada.

3- A psicologia entrou na roda

Escrevência 1

“Minha empregada disse que tem toque recolher onde ela mora” “professor, nós também moramos lá, qual o nome da tua empregada?”- Memória

No curso de Psicologia da UFRGS a organização das disciplinas se dá por três departamentos: Psicologia do desenvolvimento e da Personalidade, Psicologia Social e Institucional, Psicanálise e Psicopatologia, exceto por algumas disciplinas que são compostas pelos três departamentos. Opto por colocar na roda o que aprendi e fez sentido nos dois primeiros departamentos, tendo em vista que a psicanálise será abordada no subcapítulo “efeitos do racismo na saúde mental das pessoas negras”.

3.1 Desenvolvimento humano

Papalia e Feldman (2009) são os primeiros autores na bibliografia básica da disciplina de Desenvolvimento Humano I (DH). Eles nos apresentam o assunto: “O campo do desenvolvimento humano é um estudo científico dos processos sistemáticos de mudança e estabilidade que ocorrem nas pessoas” (Papalia&Martorell, p.37, 2000). Há três principais domínios estudados da relação eu e meio, são eles: desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial. O primeiro pesquisa o crescimento do corpo e do cérebro, as capacidades sensoriais, as habilidades motoras e saúde. O segundo foca na aprendizagem, atenção, memória, linguagem, raciocínio e criatividade. O terceiro diz respeito às emoções, personalidade e relações sociais (Papalia&Martorell, 2000). Afirmam que o ciclo da vida é uma construção social de determinada cultura, desse modo o que é trabalhado em sala de aula para pensar o público de atendimento referencia-se na sociedade ocidental. Papalia&Martorell (2000) argumentam que em cada capítulo do livro terá uma parte chamada “janela para o mundo” onde apresentaram estudos de culturas não ocidentalizadas. Na carta ao leitor eles pontuam que celebram a diversidade cultural “as pessoas são parte de uma ampla gama de culturas que demonstram a riqueza e a complexidade das aspirações e experiências humanas” (Papalia&Martorell, p.12, 2000). Observo que os exemplos dados problematizam culturas da Ásia, África e algumas vezes há citações relacionadas a raça e etnia. Apesar das pontuações refletirem sobre a correlação de questões sociais, não necessariamente há uma problematização. Eles admitem que descrevem teorias que não se sustentam quando testadas em indivíduos de outras culturas (Papalia&Martorell, 2000). Os principais autores estudados

como Piaget, Vygotsky entre outros autores que não são brasileiros e baseiam suas observações nos seus próprios contextos culturais. E o que isso influencia? Quando refletimos o contexto brasileiro, historicamente compreendemos que passamos por uma série de processos como invasão, colonização, escravização e imigrações, temos evidentemente uma diversidade cultural diferentemente de países europeus e outros que podem ter vivenciado processos migratórios, mas não viveram uma colonização.

Um exemplo interessante trazido neste capítulo do livro é a diferença entre família nuclear e extensa, sendo a primeira composta por pai e mãe, mais comum em sociedades ocidentais (Papalia&Martorell, 2000). Contudo, apontam que em sociedades como Ásia, África e América Latina e afro-americanos é comum famílias extensas fazerem parte da criação dos mais novos.

Houve época em que os cientistas do desenvolvimento humano davam pouca atenção ao contexto histórico-tempo ou época que as pessoas vivem. Certas experiências ligadas ao tempo e lugar afetam o curso de vida das pessoas. O contexto histórico é parte importante do estudo do desenvolvimento (Papalia&Martorell, p.47, 2000).

O que fica como questão é quais as nossas culturas dominantes? Talvez a nossa resposta seria diferente do que um branco-americano diria. Essa pergunta é relevante porque para nossa prática profissional encontraremos pessoas que estão atreladas a história brasileira, a forma como enxergam a família, a forma como as leis se desenvolveram e foram afetando o desenvolvimento de determinados grupos populacionais, um contexto que precisa ser estudado. Mazama (2013, p.122) nos orienta a partir da seguinte colocação: "a visão de mundo de um povo determina o que é problema para ele, além de como ele resolve seus problemas". Quais problemas estamos evidenciando? quais problemas estamos deixando de lado? são questões que começaram a reverberar nos meus anos iniciais de faculdade.

3.2 Psicologia social

“Diz respeito à subjetividade de cada um”. Escutei essa frase no início da faculdade e não pude esquecer, porque em seguida aprendi nas disciplinas de psicologia social que a subjetividade é produzida. A frase pode passar uma leitura de uma subjetividade individualizada, cada um teria a sua como um traço de personalidade. Segundo Guattari e Rolnik (2011, p.40) “a subjetividade é fabricada e modelada no registro social”. A forma como você percebe e vivencia todas as situações da vida estão enlaçadas no social, isto é, são pensadas para que funcionem dessa forma. A forma como lemos um livro, como entendemos

o que é um relacionamento amoroso, a preferência de gostos por algo. O desejo num mundo capitalista é modelado para o consumo deslocado para a experiência do produto. Você não vai apenas comprar pela funcionalidade, mas dará preferência para a experiência. Esses agenciamentos coletivos são interessantes de serem pensados junto ao desenvolvimento humano. Se observamos processos sistemáticos nos seres humanos, quais são os moldes que a sociedade gera para que isso ocorra? poderíamos dizer que até mesmo os processos inatos são parte de um processo de subjetivação?

Esses aprendizados me possibilitaram refletir sobre os aspectos motores, cognitivos e psicossociais do desenvolvimento humano por uma visão crítica. A escolha de qual psicologia desejo praticar foi questionada durante um trabalho da cadeira de supervisão de processos clínicos, na qual apontei a discussão das redes sociais durante a pandemia: “não estamos no mesmo barco, alguns estão jogados no mar, outros em canoa...”. Perguntei: “que tipo de barco eu quero construir?” Ao longo do curso de psicologia eu sentia que precisava escolher entre o social e o desenvolvimento humano. Como se o barco precisasse se encaixar apenas numa das três abordagens apresentadas no curso.

3.3 Pistas

Havia desconfortos durante algumas aulas e consigo expressar na escrevivência que abre esse capítulo: “Minha empregada disse que tem toque recolher onde ela mora” “professor, nós também moramos lá, qual o nome da tua empregada?”. Primeiramente, havia um mal estar gerado pela frase, em mim e nos colegas com quem conversei sobre. Era comum falas de professores de um lugar distante da periferia, eles (as minorias, periféricos) e nós (pessoas que estavam na sala e professor). Esse *nós* dava um nó no peito e me fazia perguntar: os professores nos enxergam em sala de aula? sabem da onde a gente vem? Ambas perguntas necessárias quando estudamos psicologia social e compreendemos que os estudantes também estão emaranhados nos processos de subjetivação.

A impressão era que naquele momento em 2016 as disciplinas direcionadas a psicanálise e desenvolvimento humano não abordavam experiências em comunidades periféricas e negras. E isso se tornou um incômodo na medida em que refletia sobre qual seria meu público de atendimento. Eu morava num bairro onde a maioria das pessoas eram negras. Ninguém que eu conhecia sequer tinha sido atendido por um psicólogo/a. Diálogos sobre saúde mental surgiam quando um parente ou vizinho era internado porque tinha ficado

“louco”. Nesse momento do percurso começo a refletir: a empregada poderia se tornar paciente?

4- A psicologia afro referenciada entrou na roda

Escrevivência 1



- Ocupação IP (2016)

Escrevivência 2

A máquina tratará de nos reduzir a pó quer a gente fale ou não” - Audre Lorde, 1977. Nós falamos!- Neguinha do Bará. Grada Kilomba, 2020, pergunta: o que acontece quando falamos?

Entrar na universidade poderia ter sido uma imersão no mundo branco como psicólogo Alisson Batista aponta em seu trabalho de conclusão de curso (2016). Eu vejo o mundo branco dentro da universidade, mas não é ele que me convoca a existir. O cartaz que abre esse capítulo foi produzido por diversos estudantes durante a ocupação do Instituto de Psicologia (IP) lá no segundo semestre de 2016, momento em que ingressei na UFRGS. Eu frequentava o IP há poucos meses até que um dia alguém intervém em aula e anuncia “o IP está sendo ocupado”. Significava que tomaríamos como exemplos os secundaristas e iríamos interditar o prédio como protesto para demonstrar revolta com a PEC de teto de gastos das universidades públicas que estava em discussão junto ao governo Temer. O que faríamos? dormir na

universidade, alguns faziam as articulações políticas com o resto da UFRGS e organizaríamos atividades para debater temas importantes. Esse foi o começo do mundo branco se tornando menos branco. Particpei como ouvinte de uma roda de conversa com colegas falando sobre ser estudante negro, não me recordo bem do exato tema, mas lembro que discutiam sobre racismo na universidade. Outro momento foi a construção do cartaz já mencionado que tinha como objetivo escrever os nomes de autores/as negros/as que contribuem para refletir sobre a psicologia e relações raciais. Nesse mesmo momento um grupo de estudantes veteranos estavam articulando a construção de uma disciplina obrigatória que abordasse as relações étnico raciais e psicologia. Outro evento importante foi o 1º Simpósio Internacional de Saúde da População Negra no mês de novembro de 2016. Lá aprendi que havia uma Política de Saúde Integral da População Negra e pela primeira vez vi uma médica negra. Após ler o tcc do Alisson Batista (2016) entendo que entrei na faculdade quando já haviam se formado arquipélagos. Metáfora usada por ele para expressar que os estudantes negros podem entrar na universidade e sentir-se numa ilha, estar próxima a outras pessoas negras podem produzir arquipélagos. Quando as aulas retornaram o cartaz foi meu guia para meus trabalhos, pegava cada nome e colocava no google para verificar se contribuía para meu tema. Meu trabalho para a disciplina de Psicopatologia e Cultura teve como assunto “ A solidão da mulher negra”. No semestre seguinte entrei como bolsista de iniciação científica numa pesquisa que estudava sobre racismo e sofrimento psíquico. Passei a ir em eventos, aulas, seminários, sobre raça, racismo e negritude.

4.1 Racismo e sociedade

A escrevivência acima traz marcos que mudaram o rumo da minha graduação. Passei a questionar o que era racismo, o porquê existia. Foi quando o teórico Carlos Moore (2006) entrou para a roda. Ele define racismo por um fenômeno histórico presente na sociedade desde a antiguidade. O que interessa ao autor é compreender como o racismo surgiu e se manteve ao longo da sociedade. A partir da teoria dos dois berços civilizatórios de Cheik Anta Diop, Moore aponta que haviam povos em regiões de climas completamente diferentes e com organizações sociais distintas:

Modelos civilizatórios irredutivelmente opostos: um modelo socioeconômico e político euro-asiático ou “setentrional”, enraizado na vida nômade, desenvolvida originalmente em espaços reduzidos e de clima gelado, com a predominância do masculino, e outro mais antigo, denominada de “meridional”, propriamente representado por Egito, Suméria, Elam e a civilização de Harappa (Vale do Indo), desenvolvida no marco de uma estabilidade sedentária e agrícola pautada em normas coletivistas que testemunham de um forte cunho feminino. (Moore, 2006,p.245)

O contato destes povos geraram diversos conflitos anteriores ao período da colonização nas Américas. “A fenotipização dessa dinâmica de oposição e a sua progressiva sublimação simbólica – a migração para a esfera supraconsciente das tensões originadas em conflitos reais se converteram em potentes símbolos mitológicos e signos fantasmáticos – explicariam o caráter incompreensível do racismo” (Moore, 2006, p.245). Sueli Carneiro (2005) na sua tese “ A construção do ser como fundamento do ser” estuda como o racismo se mantém na atualidade. Emprega a teoria de biopoder de Foucault para explicar que a racialidade opera como um dispositivo de poder. Foucault entende que um dispositivo corresponde a “um tipo de formação que, em determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. Ele tem uma função estratégica dominante.” (Foucault, 1979, p. 244 apud Carneiro, 2005, pg. 39). Assim, o dispositivo de racialidade tem como estratégia demarcar o estatuto humano como branco. Uma questão ontológica que nos permite entender como o racismo mesmo após o período colonial segue como ferramenta de hierarquização. O Contrato Racial de (Mills, 1997 apud Carneiro, 2005) é estruturante do dispositivo. Segundo Mills, é preciso admitir a existência da supremacia branca em escala global e compreender o racismo como um sistema político estruturante que distribui privilégios socioeconômicos, direitos e deveres de forma desigual baseada na proximidade e distanciamento do padrão de branquura.

Essa discussão é relevante para psicologia na medida em que subjetividade do sujeito é produzida num contexto de Contrato Racial. Quando nos questionamentos se a empregada poderia torna-se paciente podemos notar que havia possibilidades dela ser negra e que a priori existe uma marcação racial no trabalho doméstico:

A história do trabalho e dos trabalhadores, no Brasil do pós-abolição se inicia marcadamente com suas divisões consolidadas, de um lado a elite latifundiária exercendo, seu poder socioeconômico e de outro uma massa de homens e mulheres recém libertos, ou libertos há muito tempo e sem nenhuma perspectiva concreta de inserção no mundo do trabalho, dito “qualificado”, porém a maneira de incorporação socioeconômico girou em torno dos trabalhos “subalternos” (aqui entendidos como condicionantes de dominação e exploração), nos anos finais do século XIX e início do XX mais de 70% da população economicamente ativa ex- escrava, estava inserida no trabalho doméstico.(Pereira, 2011, pg.3)

Diante dessa discussão, fica evidente que as pessoas negras frequentemente enfrentam violação de seus direitos. O que nos leva ao campo das políticas públicas, onde a psicologia atua e poderá trazer apontamentos necessários para nossa roda de conceitos.

4.2 Racismo como um determinante social em saúde

Nesse momento trago os frutos do meu aprendizado com o Simpósio da PNSIPN e na pesquisa sobre racismo e sofrimento psíquico a qual o público-alvo eram usuários do SUS. A vinculação entre racismo e vulnerabilidades em saúde chegou à agenda da gestão pública com mais força após a realização da Marcha Nacional Zumbi dos Palmares em 1995 (Werneck, 2016, p. 537). Levaram onze anos para o Conselho Nacional de Saúde aprovar a Política Nacional Integral da Saúde da População Negra (PNSIPN). Dentre seus objetivos está ampliar a discussão sobre doenças genéticas ou hereditárias relacionadas à raça/etnia como anemia falciforme, hipertensão, diabetes entre outras que tem comprovação de prevalência na população negra. Soma-se também o reconhecimento do racismo como determinante social em saúde que significa reconhecer que ele incide negativamente nos indicadores citados acima (Ministério da Saúde, 2017). Dois pontos se destacam na política no que diz respeito a saúde mental da população negra:

V – fortalecimento da atenção à saúde mental das crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos negros, com vistas à qualificação da atenção para o acompanhamento do crescimento, desenvolvimento e envelhecimento e a prevenção dos agravos decorrentes dos efeitos da discriminação racial e exclusão social; VI – fortalecimento da atenção à saúde mental de mulheres e homens negros, em especial aqueles com transtornos decorrentes do uso de álcool e outras drogas; (Ministério da Saúde, PNSIPN, 2016).

O que na prática significa investimento na qualificação de profissionais da atenção primária e dos CAPS AD para que consigam compreender e intervir sob atravessamentos do racismo na vida dos usuários. O que é proposto pelo curso Promotoras/es em Saúde da População Negra (PSPN), vinculado a Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre. O qual “visa o combate ao racismo institucional e a promoção da equidade em saúde através da conscientização dos trabalhadores/as, estudantes e conselheiros/as” (Silva, 2015, p.1). Tive a oportunidade de acompanhar grupos focais com as promotoras e algumas atividades nas UBS. Como a própria política propõe, é notável o impacto na população e no território que passam a ter atividades que dialogam sobre o racismo.

Seguindo nossa roda dinâmica, peço licença para contar um caso. Minha mãe aprendeu bastante durante esses seis anos de faculdade. Tudo que eu aprendia lendo, ouvindo e experienciando era passado para ela nos momentos que tomamos cafés juntas e no caminho para a parada de ônibus. Antes da faculdade, poucas vezes falamos de racismo e até mesmo

de axé. Hoje minha mãe fala sobre os estudos de Lélia Gonzalez³ sem nem saber o nome da autora. Ela não precisava aprender cada nome e ano de autor, mas precisava entender o porquê determinadas situações aconteciam com ela e a gente. Dito isso, afirmo que ela aprendeu muito. Certa vez, ela foi numa consulta no posto de saúde e a médica disse algo que eu e ela ficamos muito felizes em ouvir: captopril não tem funcionado para população negra. Ela estava aplicando a PNSIPN! Durante minhas andanças de pesquisa conheci mais enfermeiras dispostas a discutir a política que médicas. Cada profissional é necessário e tem um papel quando falamos da saúde integral de uma população.

Diante do que foi posto na roda, afirmo que não havia como dar sentido à psicologia sem racializá-la e me responsabilizar diante do aprendizado nesses primeiros anos de faculdade. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019 56,2% dos brasileiros se autodeclararam como negros. Não é uma preferência estudar os efeitos do racismo e sim uma necessidade já que mais da metade da população é negra. Compreender relações de poder engendradas no racismo nos permite não individualizar uma experiência coletiva e além disso assumir o compromisso proposto pela PNSIPN.

Em determinado ponto também questionei quais as contribuições da psicanálise.

4.3 Os impactos do racismo na saúde mental das pessoas negras

Como foi explicado no início deste trabalho, a principal abordagem para processos clínicos no curso de psicologia da UFRGS é a psicanálise. Por isso ao longo da graduação estudei teóricos como Neusa Santos Souza, Maria Aparecida Bento e Grada Kilomba às quais contribuíram para pensar uma psicanálise que considerasse as relações raciais. O livro “O racismo e o negro no Brasil, questões para a psicanálise” (2017) traz uma importante colocação a respeito desse tema:

atributos negativos produzido pelo racismo direcionado aos negros são elementos que irão compor os processos identitários determinando uma marca psíquica de impedimentos e de manutenção de um lugar social de subordinação e inferiorização no estabelecimento das relações sociais e pessoais, funcionando como indicadores de sofrimento psíquico. (Silva, 2017, p.87)

Voltaremos para o personagem conceitual Neguinha do Bará. Quantas crianças negras quando mostram pequenos sinais de extroversão são silenciadas?

Na sociedade brasileira, racismo e sexismo circunscrevem as experiências das mulheres negras, impondo a resiliência em situações de opressão. Por isso mesmo, é preciso apontar o risco de que, tão cedo, as meninas negras já sejam encerradas em imagens de força e autossuficiência, visto que é isso que as espera na vida adulta, ou

³ Lélia Gonzalez foi uma intelectual, autora, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira.

seja, novamente, às meninas negras não há folga ao viverem suas infâncias (Guedes, p.44, 2021).

A psicóloga Grada Kilomba (2020) elucida que o racismo impede a pessoa de desenvolver uma identidade separada da ordem colonial, porque constantemente é convocado a se relacionar através do branco tendo em vista que ele é o ideal de humanidade. A autora afirma que o racismo vivenciado pelas pessoas negras no cotidiano configura uma experiência traumática. Nos explica também que o passado colonial foi “memorizado” no sentido que não foi esquecido, não se pode esquecer porque cotidianamente a história é lembrada nos episódios cotidianos de racismo. A demarcação do lugar da empregada em um bairro com toque de recolher dita em sala de aula onde outras duas alunas moravam lá nos lembra o lugar social que as pessoas negras têm no imaginário social brasileiro. Engano nosso seria achar que a mera colocação do professor não teria intenção de algo, a psicanálise nos ensina a nos atentarmos aos enganos propositais do inconsciente.

5- O Acompanhamento terapêutico entrou na roda

*Acompanhamento terapêutico é um encontro
Entre eu, você e quem sabe mais alguém
Na cidade, palco de todas as dores e temores
Enrolamos um novelo que às vezes precisa ser desfeito
Desatar o nó, para formar um nós
É outro tempo, tempo de sonhar, de chorar e até gargalhar
Pode ser amizade ou irmandade, o importante é tentar
**Quebra-cabeça embaralhado, parece que precisa ser montado
mas não precisa!**
É justo o embaralhado que o mundo precisa se afetar
cuidar e aceitar
Nós somos um projeto que ajuda a quebrar as paredes do manicômio,
que ainda insistem em tentar calar quem acompanhamos
E são tantos muros temos aprendido, da loucura aos muros que o racismo constrói e
a transfobia destrói cada tentativa de afeto
O AT é sobre recuperar o fôlego, colocar em forma o nosso corpo passante
No território onde tudo acontece, nas ruas onde a vida acontece.*

Recuperamos o direito ao encontro, a amizade e talvez um dia quem sabe a liberdade. -Ana Paula Moreira Ferreira, poema escrito para o salão de extensão 2020.

Para colocar o AT na roda só consigo utilizar a expressão "agora o bagulho vai ficar louco" porque nós precisamos colocar a loucura na roda. O poema acima é uma escrevivência pois em cada linha denuncia um sentimento decorrente de uma experiência que é ser acompanhante terapêutico (at) de alguém. Começo minha primeira experiência de estágio no projeto de extensão AT na Rede. É requisito ter cursado ou cursar a disciplina eletiva de introdução à temática. Palombini (2021) relata que a função AT inicia no Brasil nos primeiros anos de redemocratização junto ao movimento sanitarista e antimanicomial:

O acompanhamento terapêutico torna-se uma função emblemática da mistura e contágio das disciplinas psi com o espaço e tempo da cidade. E seu exercício – que se dá entre lugares, entre o serviço e a rua, entre o quarto e a sala, fora de lugar, a céu aberto – presentifica uma exigência que a reforma psiquiátrica vem colocar aos seus profissionais, seja qual for o dispositivo em causa: o fato de que uma clínica a serviço dos processos de desinstitucionalização coloca em jogo a desinstitucionalização da clínica mesma (Palombini, p.117, 2006).

Como a citação coloca pode ser na rua ou dentro da casa de quem acompanhamos e durante a pandemia descobrimos que também podia ser por telefone. A literatura nos conta que o AT vem como dispositivo da reforma psiquiátrica para atender as pessoas que estavam saindo dos manicômios, indo para comunidades terapêuticas ou para casa, passando a frequentar os centros de atenção psicossocial. No projeto nós acompanhamos pessoas que ainda estavam institucionalizadas, moravam sozinhas, na casa de algum familiar. Na prática nós poderíamos ir ao shopping, ajudar a limpar a casa, jogar bola como o psiquiatra Franz Fanon fez (Faustino, 2021), qualquer atividade de interesse do acompanhado. Quebra todas as seguranças que uma clínica convencional proporciona onde existe uma busca de eliminar as intervenções da rua. O AT utiliza das intervenções da rua e o objetivo não é proporcionar apenas um momento terapêutico pro acompanhado, mas também afetar cada lugar e pessoa que encontramos. Ao caminhar com a pessoa lida como louca, as pessoas vão demarcando o lugar do normal e do patológico. E justamente nesses momentos que o at é marcado como normal nós conseguimos fazer o erro virar acerto como nos propõe a ciências da macumba (Simas&Rufino,2019). Um exemplo é que um atendente de uma loja ou qualquer pessoa na rua tendem a perguntar para o at uma informação, fazem isso mesmo que seja a respeito do desejo do acompanhado, como perguntam pros pais sobre o que a criança quer, aí nos, ats, viramos como a maior naturalidade e dizemos: essa pergunta é para você. Uma das bases do

dispositivo AT é a abertura ao desconhecido e ao inesperado (Palombini, 2006). Certa vez, eu estava passeando pela praça da alfândega quando A. começa chorar desesperadamente, percebi que dessa vez ela não tinha dinheiro para comprar seu cigarro e eu já havia emprestado para seu café com leite. Entramos então numa montanha russa de emoções, andando de um lado para outro, A. xingava o mundo e eu acompanhava. Uma senhora se aproximou da gente e perguntou o que estava acontecendo. Ela perguntou se podia passar a palavra de Jesus, era uma senhora evangélica. Eu, naquela época, jamais aceitaria, pois cresci sabendo que eles não gostavam de pessoas gays (eu). Mas, ao contrário de mim, A. aceitou e eu acompanhei. Por uns segundos ela parou e conseguiu se encaminhar para a parada de ônibus. Durante o caminho falamos sobre fé e quando ela se desesperava eu dizia: lembra do que a moça disse?

Longe de mim afastar o desespero dela, nós precisamos sustentar o choro e a rua também. Inclusive A. naquela época jamais ficaria numa sala, sentada numa cadeira, afinal ela era institucionalizada, o que significa nesse caso que morava contra sua vontade num asilo. Durante meu período sendo at fiz reunião com rede e pude perceber que o manicômio está para além das paredes de concreto. Em aula, me refiro às cadeiras de social, nós falávamos bastante sobre relações de poder, mas não me recordo de exemplos sobre profissionais da saúde reproduzirem as mesmas lógicas de exclusão. A. já havia ficado proibida de frequentar o CAPS porque havia tido uma crise lá. Ela não era pessoa que ficava por muitos dias com o mesmo humor, assim suas crises tinham alguma função, como por exemplo sair pra rua, conseguir cigarros ou até mesmo uma forma de reagir a algo que não gostou de ouvir. Como a citação que abre esse capítulo nos lembra: precisamos desinstitucionalizar a clínica também. A variação de humor de A. que eu chamo de montanha russa, tem CID F31. Acho que dou esse nome, porque primeiro ela adora um parque de diversões, segundo eu também variava de humor (preocupação, tranquilidade, medo...) como se eu estivesse ao lado dela nesse brinquedo e terceiro porque A. era muito divertida. O AT marca bastante quem se propõe vivenciar e hoje penso que talvez seja porque percebemos o manicômio na gente. Antes eu também caminhava na rua marcando quem era normal e quem era louco. Aquela desviada na calçada de quem está cantando uma música da banda Dejavú de bermuda num frio de 10 graus. Hoje, independente de estar ou não fazendo AT, meu compromisso sempre será estar aberta ao desconhecido.

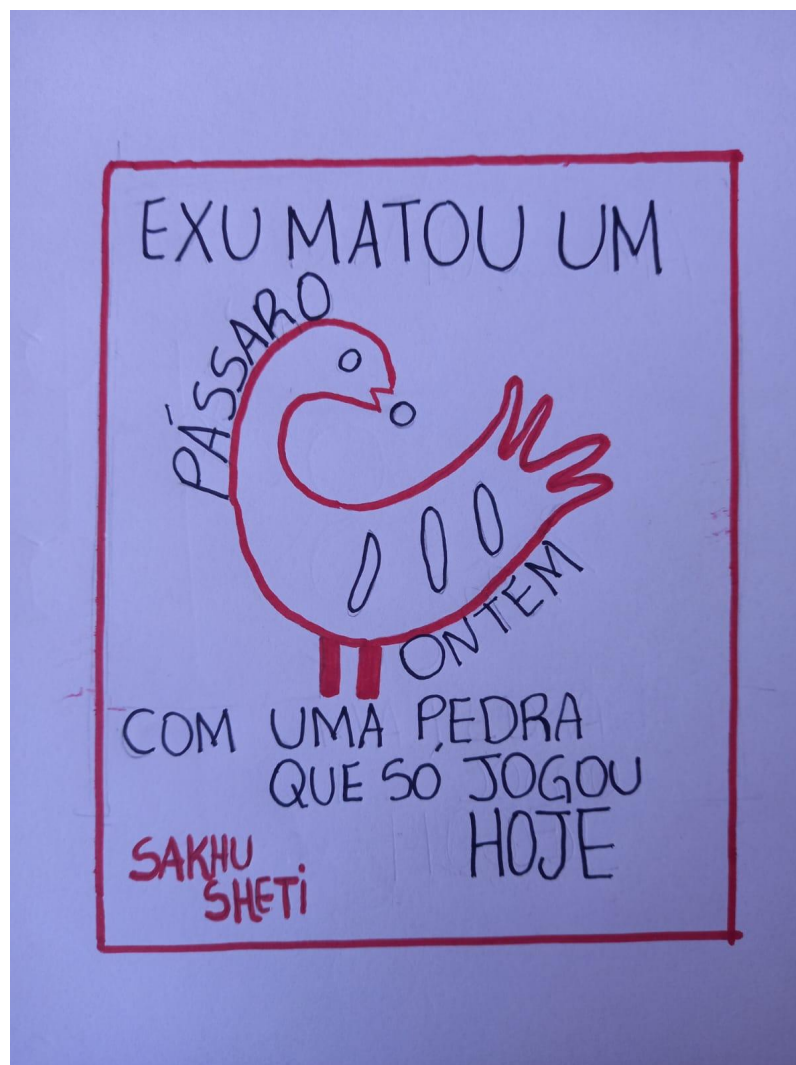
Os caminhos do AT e da racialidade também se cruzam, título de um capítulo que escrevi junto com minhas colegas de extensão. Um marco para nós do grupo AT na Rede foi o

capítulo de Liziane Guedes (2020), a qual foi estagiária e acompanhou uma adolescente negra. Ela traz a discussão do ponto de vista de uma at negra atendendo uma moça que diz assim “ não gosto de negros (as)” no primeiro encontro. Pude ouvir algumas vezes sobre esse caso e destaco duas reflexões a partir da leitura: para compreender a frase é preciso estudar as relações étnico raciais, ou seja, não há mágica como muitos ouvintes brancos nos perguntam “o que fazer nessa situação” nossa resposta tende a ser “estudar, assim como estudou para outros casos”. A segunda reflexão é a potência que existe no dispositivo AT para enfrentar a lógica manicomial e racista (Ferreira, 2022). Vemos nos capítulos acima que existe um esforço muito grande na manutenção da inferioridade de pessoas negras para sustentar a superioridade das pessoas brancas. Notamos também que é para além de distribuição de privilégios materiais, mas de uma construção que atravessa a subjetividade, constituição psíquica de ambos grupos raciais. Portanto, o AT conta com a rua, quem conta a rua conta com um campo de possibilidades de intervenção. “Uma vez que se trata de uma prática que não se resume ao dizer, mas se estende a um transitar e um agir, em que o que se vê, o que se percebe e o que se sente podem transformar tanto quanto a palavra.” (Ferreira, p.190, 2022)

Começo a entender mais o barco que eu desejava construir nessa experiência de estágio. O “*quebra-cabeça embaralhado... não precisa ser montado!*” foi meu guia para a sequência de estágio.

6- A psicologia Africana entrou na roda

Escrevivência



*Sankofa: se wo were fi na wo sankofa a yenkyi
[Se você esquecer, não é proibido voltar a reconstituir]*

Bem distante da sala de aula eu conheci a psicologia africana. Meu percurso começa em Neguinha do Bará e chega na psicologia africana através da Afrocentricidade “um tipo de pensamento, prática, perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios

interesses humanos” (Asante, p.93, 2008). Esse paradigma passa a fazer sentido quando começo a questionar o que é o tornar-se negro que a psicanalista Neusa Santos Souza propõe (1983). Próxima do conceito de dispositivo de racialidade, Souza (1983) e Fanon (1945) colocam que o negro deseja ser branco diante do cenário que ser negro é negativo. Para ela, tornar-se negro é um vir a ser, ou seja, é necessário construir uma identidade negra positiva. A pista que ela nos diz é a seguinte: "uma identidade que lhe dê feições próprias, fundada, portanto, em seus interesses, transformadora da história- individual e coletiva, social e psicológica” (Souza, p.78, 1983). Eu li o trabalho da Neusa ao longo da minha graduação e em certo ponto sempre me via acabando num beco sem saída. Eu participei do coletivo de estudantes negros/as da psicologia, Psicopreta, muitas vezes nossas conversas giravam em torno de responder ao racismo sofrido nos campos de ensino/pesquisa/extensão. Os meus estudos sobre relações raciais giravam em torno do que constitui racismo e como enfrentá-lo. Assim, questiono: ser negro é sofrer racismo? o que nos une para além de uma variedade de tons de marrom? Nos meus estudos até esse ponto limitavam-se ao negro após escravização, estudei os quilombos e suas estratégias de sobrevivência, também vi no Carlos Moore (2008) a existência de um proto-racismo desde a antiguidade. Foi nesse percurso que reconheço a Afrocentricidade como um caminho e me aventuro num mundo onde a palavra negro não é necessária. A ideia é que os africanos nascidos na diáspora e continente africano se reconheçam como um povo. Um ponto chave para melhor compreensão é que os africanos vêm atuando à margem da experiência eurocêntrica (Asante, 2013). O foco não é apenas a opressão e sim o que se faz a partir disso. “Ser africano para a afrocentricidade é uma pessoa que participou dos quinhentos anos de resistência à dominação europeia” (Asante, p.102, 2013). Há uma metáfora usada pelos afrocentricos que dá o tom do que estamos falando:

A metáfora do descarrilhamento é importante porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos; o descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam. A experiência do movimento (ou progresso) humano continua, e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento. A experiência vivida, ou a experiência dos vivos, não permite perceber que estar no caminho, seguindo sua própria trajetória de desenvolvimento, proporcionaria a eles uma experiência de vida mais significativa (NOBLES,2009, p. 284).

Ou seja, os africanos anteriormente às invasões e colonizações estavam em pleno desenvolvimento, mas foram interrompidos e desterritorializados. O epistemicídio é um dos elementos do dispositivo de racialidade que auxilia nessa discussão:

Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio nas

suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/normalizar e matar ou anular. É um elo de ligação que não mais se destina ao corpo individual e coletivo, mas ao controle de mentes e corações (Carneiro, p.97, 2005).

Dialogando com o conceito de produção de subjetividade já posto na roda, quando Carneiro aponta que o epistemicídio também tem como objetivo o controle das mentes e do coração, falamos que ele faz parte da máquina que subjetiva os sujeitos. Desse modo, não é ensinado a verdadeira história dos povos africanos, das suas cosmopercepções (as quais podem ser base ontológica para resolver os problemas atuais da nossa sociedade) e da tecnologia já avançada desses povos (as quais poderiam estar muito avançadas). Esse é o movimento de sankofar, compreender que se não nos contaram, se perdemos algo, se sequestraram algo, podemos e a afrocentricidade coloca que devemos voltar atrás e buscar. Foram quatro salas de aula que percorri e apontaram para nossa encruzilhada: idas no Quilombo Lemos em 2018, curso de introdução a filosofia africana ministrada por Katiúscia Ribeiro, curso de fundamento da psicologia africana em Fukiau ministrado por Roberta Frederico e minha participação no grupo de estudos de psicologia africana coordenado pela Roberta.

A psicologia africana surge junto com a Associalização de Psicólogos Negros na diáspora afro-americana em 1968. Eles rompem com a Associação Americana de Psicologia (APA) por perceber as consequências negativas de ser africano numa realidade antiafricana e a limitação da psicologia ocidental (Nobles, p. 277, 2013). Desse modo, a disciplina se constitui:

Os psicólogos negros redefiniram a abordagem da prestação de serviços de saúde mental para pessoas de ascendência africana e desenvolveram uma psicologia negra centrada na África autêntica que é consistente e previsível com as tradições de sabedoria cultural africana e afro-americana. A ABPsi criou uma disciplina intelectual com um paradigma e episteme, e um corpo de teorias sobre o comportamento que se baseia nas tradições dos povos africanos (APA, org, 2012).

Essa abordagem surge primeiro com a prática e no decorrer se especializa enquanto uma teoria. Diferente da proposta de Neusa Santos Souza, Franz Fanon, Grada Kilomba, Sueli Carneiro, autores que usaram como solo teorias ocidentais, eles não queriam apenas tornar negra a psicanálise e outras abordagens. Já haviam estudos de filosofias africanas, assim como a prática também evidenciava a cultura africana nas comunidades. Existem diversas pesquisas de psicologia africana, desde teorias da personalidade, psicopatologias à

abordagens clínicas. Eu irei me deter ao que encontrei durante meu percurso que são as contribuições de Wade Nobles^{4 5}.

6.1 Sakhu Sheti, contribuições de Wade Nobles

Extraído do Medu Netcher [A escrita de Deus], sakhu significa a compreensão, o iluminador, o olho e a alma do ser, aquilo que inspira. E sheti quer dizer entrar profundamente num assunto; estudar a fundo; pesquisar nos livros mágicos; penetrar profundamente (Nobles, p.279, 2013).

Wade Nobles é professor emérito de Estudos Africanos da Universidade Estadual de São Francisco, diretor executivo do Institute for the *Advanced Study of Black Family Life and Culture* e um dos fundadores da *The Association of Black Psychologists (ABPsi)* (Jamison, p.15, 2017). É importante começar a falar da trajetória de Nobles porque apesar da psicologia africana não ser abordada nas universidades brasileiras ela tem lugar junto a afrocentricidade em várias universidades americanas, assim como o reconhecimento pela APA. Roberta Frederico, fundadora do Instituto Sankofa, nos lembra em suas aulas que não é uma psicologia nova, tendo mais de cinquenta anos de existência.

O objetivo da psicologia africana se relacionarmos como a nossa roda de conceitos é examinar esses conflitos impostos pelo dispositivo da racialidade e articular uma visão de mundo enraizada na espiritualidade africana que tenta curar as mentes e os espíritos do povo africano (Jamison, 2017). A compreensão da experiência vivida pelos africanos durante os últimos séculos é chamada de *maafa* e pode ser definido como grande desastre e infortúnio de morte e destruição além das convenções e da compreensão são humanas (Ani 1994 apud Nobles, 2013). Próximo da ideia trazida por Grada Kilomba de racismo cotidiano configurar um trauma, *maafa* aponta para os efeitos de negar a humanidade dos africanos, acompanhada do desprezo e do desrespeito, coletivos e contínuos, ao seu direito de existir (Nobles, 2013).

Um erro muito comum nas pessoas que ouvem falar da psicologia africana ou afrocentricidade é afirmar que voltar ao passado não faz sentido nenhum e menos ainda tentar imprimir nas pessoas conceitos de séculos atrás. Contudo, a proposta é validar a autodefinição africana que já existe nas pessoas, a qual é ignorada pela grande parte das teorias ocidentais.

Os negros americanos derivam sua autodefinição mais fundamental de várias premissas culturais e filosóficas que compartilhamos com a maioria das "tribos" da

⁴ Referenciais de Wade Nobles são retirados nas traduções do E-book da psicóloga Roberta Frederico, sendo mantidas as datas das publicações em inglês com as numerações de páginas dos E-books.

⁵ Ambos autores produzem conhecimentos junto a outros autores, portanto serão citados trabalhos de diversos teóricos da área.

África Ocidental. Ao explorar o caráter dessas premissas, que são concepções básicas da natureza do homem e sua relação com outros homens e seu ambiente, esperamos estabelecer uma base sobre a qual uma Psicologia Preta possa ser construída (Nobles, 2006, p.48).

Daniela Machado Viera (2017) pesquisou para sua dissertação sobre os territórios negros de Porto Alegre, período de (1800-1970). Esse trabalho auxilia a pensar possíveis autodefinições para negros que vivem na diáspora brasileira e principalmente residentes de Porto Alegre.

O relato de seu Jayme traz uma série de elementos sobre a sociabilidade negra na Colônia Africana [...] Ou seja, ao final da festa religiosa, comemorada com diversos elementos do batuque, se abria o carnaval, mostrando a relação entre diversos signos, que a princípio, são contrastantes [...] A entrevistada então afirma que seu pai dizia que o segredo era um negro apoiar o outro, independente da religiosidade ou de outras ideologias. Essa necessidade de apoio mútuo entre os negros é uma fala recorrente em diversas narrativas negras sendo retratada na expressão "nós por nós" (Vieira, p.139-140, 2017).

Dois pontos podemos notar nesse trecho: a coletividade, ubuntu praticado “nós por nós” conectado a filosofia africana. Essa relação de interdependência pode ser denominada "self estendido" identificada em diversos povos africanos (Nobles, 2006). O segundo é o axé⁶ presente nas festividades. Eram festas com vários elementos da religião, mas não era fechado, todos na comunidade respeitavam e participavam. Havia um respeito à ancestralidade na colônia africana na cidade de Porto Alegre. As religiões têm um papel de cura nas comunidades africanas na diáspora e no continente, no passado e nos dias atuais, quando se tem um problema você primeiramente conversa com seu orixá ou com sua mãe/pai de santo. O que não significa que não irá buscar um médico, mas também não significa que os espíritos não possam lhe fornecer uma orientação.

Nobles fornece pistas de intervenções clínicas e terapêuticas, ou seja, sobre torna-se africano:

Precisamos projetar um processo de reabilitação específico para apoiar, estimular e sustentar comportamentos, crenças, atitudes, habilidades, e atividades culturalmente significativos (aspirações humanas). As intervenções compatíveis com o sakhú tem como objetivo a reprodução e o refinamento do que há de melhor na africanidade (Nobles, p.291, 2013).

⁶ O axé é a força geradora ou presença potencial em todas as coisas (rochas, morros, rios, montanhas, plantas, animais, ancestrais, divindades) e nas expressões verbais (preces, canções, maldições e mesmo o discurso cotidiano) (Drewal, 1992, p.27 apud Nobles, p. 293, 2013)

Esses conhecimentos, ou melhor, (re)conhecimentos das culturas africanas, nos permitem subverter lógicas que são prejudiciais para a saúde mental da população africana. Lembro de escutar da minha mãe e avó "pelo amor de Ìyá Ìyá" ao invés do que outras famílias diziam "pelo amor de Deus". Evocar Ìyá é criar um filho com respeito aquele que veio primeiro: "O ethos matripotente expressa o sistema de senioridade em que Ìyá é sênior venerada em relação a suas crias. Como todos os humanos têm uma Ìyá, todos nascemos de uma Ìyá, ninguém é maior, mais antigo ou mais velho que Ìyá" (Oyëwùmí, p.3, 2016). Temos muitos elementos africanos em nosso dia a dia, mas esvaziados de sentido e desconectados uns dos outros. Portanto, o psicólogo africano tem um trabalho, para Nobles (2013), de iluminar o espírito através das concepções de mundo africanas.

7- Exu finaliza a roda

“Aí, maloqueiro, aí, maloqueira
Levanta essa cabeça
Enxuga essas lágrimas, certo? (Você memo)
Respira fundo e volta pro ringue (vai)
Cê vai sair dessa prisão
Cê vai atrás desse diploma
Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?
Faz isso por nós
Faz essa por nós (vai)
Te vejo no pódio” AmarElo Emicida, 2019.

Laróyè! Que Exu venha finalizar essa roda, mas que nunca encerre o campo de possibilidades que é ser uma estudante questionadora. Voltamos à nossa pergunta inicial: Qual psicologia se produz ao colocarmos em roda os conceitos que eu encontrei ao longo do meu percurso acadêmico?

Essa roda poderia girar de diversas formas e cada giro produziria sentidos diferentes, o espaço e tempo utilizados nesse trabalho dizem respeito ao meu percurso acadêmico. Temi um pouco escolher esse tema, sabia que outros estudantes haviam colocado suas experiências como facilitadoras para discutir temas como racismo. Mas, a dúvida engendrada nas armadilhas do epistemicídio sempre aparece: É ciência? faz sentido? é importante pra alguém? Mas, não tinha jeito, eu passei todos esses seis anos de corpo (africano) presente na universidade, a experiência dos estudantes africanos sempre foram do meu interesse. Uma época dizia nos espaços que participava “estudantes de graduação também produzem

conhecimento, todo semestre inclusive, são muitos trabalhos excelentes”. Organizei junto com minhas colegas de pesquisa um evento “escrevivências na universidade” onde compartilhamos ideias, trabalhos, sem nenhum compromisso de apresentação, uma roda na biblioteca entre estudantes negros para compartilhar o que estava passando na mente. A pandemia possibilitou os encontros com a irmã Roberta e outras irmãs de diferentes estados do Brasil, mas por outro lado trouxe um peso enorme de não estar mais na mesma rotina de encontros com o coletivo Psicopreta e eventos presenciais que me fortaleciam. Senti que algo havia se perdido e então foi preciso sankofar o meu percurso da graduação.

Atualmente, enquanto escrevo esse trabalho, estou finalizando meu estágio num abrigo para vítimas de violência doméstica e seus filhos/as, ênfase em políticas públicas. A política pública delimita o que deve ser feito, mas nossa profissão dita como faremos, ou melhor, a prática nos dará pistas do que precisa ser feito. Minha supervisora havia me dito que não era atendimento clínico, por exemplo. E o que é? Qual é o barco que eu construo para atender essas famílias?

Ao colocar as teorias em roda, percebo que há muitos encontros entre elas e que as suas respostas para cada fenômeno podem ser diferentes e necessárias no mesmo contexto. Logo, a roda dos conceitos encontrados ao longo do meu percurso acadêmico constituiu uma psicologia das encruzilhadas. Uma abordagem que pode ser feita na rua, que não teme o desconhecido, atenta aos detalhes que cada paciente nos diz sobre o que é ser psicólogo/a. Uma psicologia inacabada, um campo que pode ser explorado futuramente por mim e quem mais quiser entrar na roda.

8- Referências

- ADICHIE, CHIMAMANDA NGOZI. CHIMAMANDA ADICHIE: O PERIGO DE UMA ÚNICA HISTÓRIA. **PIRES, JADER. PAPO DE HOMEM**, 2009.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. PORTARIA Nº 992, DE 13 DE MAIO DE 2009. POLÍTICA NACIONAL INTEGRAL DE SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA, 2017.
- CARNEIRO, APARECIDA SUELI; FISCHMANN, ROSELI. A CONSTRUÇÃO DO OUTRO COMO NÃO-SER COMO FUNDAMENTO DO SER. 2005.
- DUBAX, V.; VENEZA, JACKELYNE CORRÊA. CULTURA AFRICANA POR MEIO DOS SÍMBOLOS GRÁFICOS ADINKRA. **CADERNOS PDE, VOL., VERSÃO ONLINE**, 2016.
- GUATTARI, FÉLIX; ROLNIK, SUELY. MICROPOLÍTICA CARTOGRAFIAS DO DESEJO . RIO DE JANEIRO: EDITORA VOZES, [1986] 2011.
- KILOMBA, GRADA. MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: EPISÓDIOS DE RACISMO COTIDIANO. EDITORA COBOGÓ, 2020.
- LORDE, AUDRE. A TRANSFORMANDO O SILÊNCIO EM LINGUAGEM EM AÇÃO. IN: **IRMÃ OUTSIDER: ENSAIOS E CONFERÊNCIAS**. AUTÊNTICA EDITORA, [1977] 2019.
- MOORE, CARLOS. RACISMO E SOCIEDADE—NOVAS PRÁTICAS EPISTEMOLÓGICAS PARA ENTENDER O RACISMO. **BELO HORIZONTE: MAZZA EDIÇÕES**, 2006.
- NOBLES, WADE W. SAKHU SHETI: RETOMANDO E REAPROPRIANDO UM FOCO PSICOLÓGICO AFROCENTRADO. IN: NASCIMENTO, ELISA L. (ORG.). AFROCENTRICIDADE: UMA ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA INOVADORA. SÃO PAULO: SELO NEGRO, 2009.
- NOGUERA, RENATO. DENEGRINDO A FILOSOFIA: O PENSAMENTO COMO COREOGRAFIA DE CONCEITOS AFROPERSPECTIVISTAS. **GRIOT – REVISTA DE FILOSOFIA, AMARGOSA, BAHIA – BRASIL**, v.4, n.2, DEZEMBRO/2011.
- NOGUERA, RENATO. DENEGRINDO A EDUCAÇÃO: UM ENSAIO FILOSÓFICO PARA UMA PEDAGOGIA DA PLURIVERSALIDADE. **REVISTA SUL-AMERICANA DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**. NÚMERO 18: MAIO, OUT/2012, p. 62-73.
- NOGUERA, RENATO. ENTRE A LINHA E A RODA: INFÂNCIA E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. **REVISTA MAGISTRO**, v. 1, n. 15, 2017.
- PALOMBINI, ANALICE DE LIMA. ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO: DISPOSITIVO CLÍNICO-POLÍTICO. **PSYCHE (SAO PAULO)**, SÃO PAULO , v. 10, n. 18, p. 115-127, SET. 2006 .
- PEREIRA, BERGMAN DE PAULA. DE ESCRAVAS A EMPREGADAS DOMÉSTICAS—A DIMENSÃO SOCIAL E O " LUGAR " DAS MULHERES NEGRAS NO PÓS-ABOLIÇÃO. **ANAIS DO ENCONTRO DA ANPUH**, 2011.

SIMAS, LUIZ ANTONIO; RUFINO, LUIZ. **FOGO NO MATO: A CIÊNCIA ENCANTADA DAS MACUMBAS**. MÓRULA EDITORIAL, 2019.

PAPALIA, DIANE E.; OLDS, SALLY WENDKOS; FELDMAN, RUTH DUSKIN. **DESENVOLVIMENTO HUMANO**. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2000.

SOARES, LISSANDRA VIEIRA; MACHADO, PAULA SANDRINE. " ESCRIVIVÊNCIAS" COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM PSICOLOGIA SOCIAL. **REVISTA PSICOLOGIA POLÍTICA**, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

VIEIRA, DANIELE MACHADO. **TERRITÓRIOS NEGROS EM PORTO ALEGRE/RS (1800–1970): GEOGRAFIA HISTÓRICA DA PRESENÇA NEGRA NO ESPAÇO URBANO**. 2017.

WERNECK, JUREMA. **RACISMO INSTITUCIONAL E SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA**. **SAÚDE E SOCIEDADE**, v. 25, p. 535-549, 2016.